

Dr. Gary Meadors, Conhecendo a Vontade de Deus, Sessão 16, Modelos concorrentes proeminentes, Blackaby, Smith e Friesen

© 2024 Gary Meadors e Ted Hildebrandt

Bem-vindos à última palestra, palestra 16, GM 16, em suas anotações. E vocês precisarão das anotações, e eu estarei trabalhando principalmente no pacote de anotações hoje. Os slides de vídeo basicamente nos mantêm no caminho certo aqui.

E esse é o pacote de notas de Biblical Theology for Knowing God's Will, Popular Views for Knowing God's Will. Eu o chamo de Wade e Watting. Eu o chamo de apêndice nos slides porque pensei que seria bom apresentar outras visões para vocês, para que vocês possam fazer suas próprias pesquisas.

Minha visão é realmente uma quarta visão. Quando o livro sobre três visões foi publicado, por qualquer razão, o editor decidiu, eu acho que em conjunto com Friesen, que minha visão era basicamente como a visão de Friesen. Bem, nada poderia estar mais distante da igreja nisso.

Não tenho certeza se eles não leram meu material bem o suficiente ou qual é o problema, mas a minha visão é bem diferente da de Friesen. Vou apenas dar uma visão geral dessas três visões. Não vou tentar entrar em muitos detalhes.

Eu sugeriria que você lesse os livros primários. Eu não sugeriria que você lesse o livro The Three Views. Eu não acho que ele apresente adequadamente suas visões.

A publicação original de Friesen sobre tomada de decisão e a vontade de Deus foi provavelmente a melhor apresentação que ele fez. Quando ele fez seu volume de 25º aniversário, senti que não era tão poderoso quanto o original. Então, recomendo fortemente a leitura do original.

Você provavelmente pode obtê-lo em livros usados e coisas dessa natureza. Então, vou apenas dar a você uma pequena visão geral. Vou fazer isso bem de perto em relação às minhas anotações.

Peço um pouco de paciência. Estou com problemas nos olhos e tenho alguns leitores, mas eles não me ajudam muito com letras pequenas, e preciso fazer isso. Então, apenas tome suas notas agora, e nós seguiremos nesse sentido.

Opções populares, ponderadas e consideradas insuficientes. Chegarei a isso depois da introdução. Observe a página um de suas anotações.

Há tantas visões de conhecer a vontade de Deus quanto há livros sobre o assunto. O corpo da literatura, no entanto, geralmente se enquadra em três paradigmas principais. Embora não possamos representar todas as opções, um volume publicado pela Kriegel dá essas três, e eu dei a você aqui, e você pode obtê-lo se não puder obter os outros.

Essas três visões são extraídas de Blackaby, uma equipe de pai e filho que escreveu um livro que foi muito, muito popular, particularmente nas igrejas batistas do sul por um tempo. Smith, que está na tradição wesleyana, e Gary Friesen, que eu suponho ser uma pessoa da Igreja Bíblica. O valor deste livro usado é que cada autor responde ao outro, então há algum valor ali.

Você tem uma conversa entre esses três. Mas eu acho que a minha é uma quarta visão definitiva e significativa, e eu acho que você verá isso quando você vir as visões deles e compará-las com o modelo que eu apresentei a você. Eu prontamente admito que meu modelo é mais desafiador, particularmente no sentido de que você deve estudar as escrituras de maneiras mais profundas do que o que pessoas leigas normalmente fariam.

Para aqueles que são líderes, acho que é uma obrigação fazer isso. Então, fica evidente depois de ouvir minhas palestras, ler minhas anotações e assim por diante, conforme você compara com essas visões que vou criticar. Então, nosso propósito é apenas uma pesquisa.

Não vou tomar muito tempo com isso porque acho que é importante que você faça seu próprio trabalho. Mas deixe-me começar. Eu chamo isso de visão de vontade única, o subjetivismo radical.

Os Blackaby provavelmente dão a melhor apresentação do que o movimento de Keswick sustentou e condicionou muitas igrejas americanas, particularmente nas tradições independentes. Foi contra isso que Friesen escreveu em sua dissertação em Dallas, que mais tarde se tornou o livro. Então, o que você lê e ouve em termos dos Blackaby representa melhor o subjetivismo desenfreado, o subjetivismo radical daquele movimento em particular.

Aqui estão algumas suposições centrais dos Blackaby. A crença central dessa perspectiva, e esta é uma citação, é que Deus não só tem uma vontade específica para os indivíduos, mas também comunica essa vontade, e eu acrescentaria antecipadamente, às pessoas para que elas possam segui-la. Agora, eles dizem aqui, você não descobre a vontade de Deus. Deus a revela a você a partir da intimidade de sua caminhada com ele.

Mas ainda é responsabilidade do crente encontrar a vontade de Deus em sua caminhada. Certo. Bem, você ouve algumas coisas aqui que você me ouviu trabalhar de várias maneiras.

Primeiro de tudo, dissemos que não existe uma vontade pessoal individual a ser descoberta na vida. Sua obrigação é fazer a vontade de Deus como ele a revelou na Palavra. Não é encontrar algo.

Vamos colocar desta forma. Deus encontra você. Você não encontra um caminho secreto que você tem que revelar antes do tempo para fazer a vontade de Deus.

Mas eles estão afirmando, e fortemente, esse processo subjetivo. Eles falam sobre Deus revelando, e é uma revelação de conteúdo, eu assumo que são meus, e assim por diante. Você tem que ler para entender.

Número dois, em consonância com a crença central, o crente deve aprender a reconhecer a voz direta de Deus que comunica a vontade de Deus a ele. Para mim, isso é uma espécie de competição com a própria Escritura. Você não encontrará o estudo profundo da Palavra de Deus no modelo preto e cinza.

Você encontrará o encorajamento para encontrar essa vida devocional interior. Agora, isso era extremamente proeminente na igreja americana, e na Inglaterra, também era, porque a maioria disso veio da Inglaterra. E, no entanto, acredito muito que isso é equivocado.

Número três, a voz de Deus vem de muitas maneiras, mas precisamos aprender a ouvir quando Deus fala. Quando você lê para uma pessoa negra, você não é encorajado a ouvir isso da Palavra. Ah, eles vão falar sobre isso, mas você tem que ouvir isso fora disso.

E as áreas que não são reveladas, sobre as quais falamos muito, que você precisa de uma mente e um sistema de valores transformados, eles não vão falar sobre isso. Eles vão falar sobre você ter esses sentimentos subjetivos. É por isso que eu chamo isso de subjetivismo radical ou desenfreado.

Número quatro, o lado experiencial da vida, é a porta para conhecer Deus e sua vontade. Bem, eu acho que as Escrituras dizem exatamente o oposto explicitamente. Número cinco, o vocabulário da Bíblia é um trampolim para aprimorar seu lado experiencial.

Então, ler a Bíblia para eles é um estímulo. Você não está lendo a Bíblia para entendê-la. Você está lendo as palavras da Bíblia, e isso é um tipo de estímulo para você se mover para áreas.

Então, se você encontrar palavras na Bíblia que você está procurando o que fazer, então isso se torna uma nova Palavra de Deus para você em um sentido porque não representa o contexto. Número seis, cada texto na Bíblia aborda o conhecimento de Deus e sua vontade, o que é imediatamente um modelo para nós seguirmos. Não há limites contextuais, mas continuidade total de significado e aplicação de então para agora.

Então, Gideão colocou o velo para fora. Bem, tente. A busca por revelação direta é promovida para coisas que você precisa saber sobre a vida.

Então, você pode ver que é bem o oposto do que você tem ouvido de mim e do que eu tenho desvendado em termos do texto bíblico e da ética que estão envolvidos neste processo de fazer a vontade de Deus. Eles também dizem explicitamente que o Espírito Santo atualmente trabalha na revelação de Deus e sua vontade, e eu tenho falado muito contra isso. Conhecer o caráter de Deus ajuda a distinguir e reconhecer a voz de Deus.

Bem, se a voz de Deus é escritura, conhecer o caráter, entender o caráter de Deus lendo a Bíblia, eu concordaria com isso, mas não acredito que seja isso que eles querem dizer. A crítica do modelo Blackabee. O clã Blackabee, eu digo, menospreza a lógica para o experiencial enquanto nunca faz a pergunta sobre como decidir se seu raciocínio experiencial é realmente Deus ou apenas sua própria interpretação de sua própria experiência.

Tudo é centrado na experiência. Há uma coisa sobre isso: ninguém pode realmente discutir com eles. Você não pode discutir com uma pessoa que está baseando sua vida na experiência em vez de naquela mente transformada e sistema de valores.

Eles não são apologéticos. Eles não são tímidos em empurrar o lado experiencial como a chave para viver a vida cristã e se mover por este mundo. Tudo tem que ser revelado a você pessoalmente.

A Bíblia recebeu um serviço de boca cheio. Quem não faria isso? No entanto, o processo de compreensão do texto é puramente subjetivo e experiencial, em vez de uma análise contextual e hermenêutica do significado original pretendido de um texto. Então a Bíblia se torna uma ferramenta para preencher seus sentimentos e experiências internas.

Sinto muito, muitos cristãos correm dessa forma com sua fé, mas não é assim que a Bíblia se apresenta nem nos encoraja a viver nossas vidas. Número três, textos e histórias bíblicas são usados de forma tabular e se tornam textos de prova para apoiar nossas visões experienciais. Então, se você está tentando tomar uma decisão e quer sabedoria, bem, você apenas abre a Bíblia e começa a ler em qualquer lugar, e

mais cedo ou mais tarde, você encontrará algo que o encoraja e o que você já estava pensando.

É realmente nisso que tudo se resume. Pode guiá-lo um pouco diferente ou algo assim, mas ainda não é desempacotar as escrituras para criar uma mente transformada. É o uso das escrituras para preencher sua própria vida experiencial.

O significado original pretendido de um texto, por que desperdiçar seu tempo? Número quatro, bem, deixe-me voltar a isso e então terminar três. A composição de Blackabee carece de evidências do que chamarei de consciência bíblica profissional. O estudo crítico e cuidadoso do texto não está presente.

A consciência teológica e exegética é estranha a Blackaby. Na verdade, ser um pastor feliz pode exigir a rejeição de tais requisitos racionais. Há um lado da vida, há um lado em que a vida parece mais fácil e divertida, mas quero que você saiba que isso não vai lhe dar o que Deus quer que você seja de forma alguma.

Quarto, o sistema deles é cativo de vozes internas. Nós falamos sobre isso. Essa é a consciência relacionada aos valores da sua visão de mundo, e isso acontece também em uma pessoa Blackabee.

Mas o que eles inserem é uma entrada de conteúdo direto de Deus que você tem que aprender a ouvir. Agora, temos uma classe especial de pessoas, eu acho, que podem ouvir a voz de Deus. Quando as pessoas me dizem que ouvem Deus falando com elas, minha pergunta sempre é, isso é interessante porque eu sempre me perguntei, a voz de Deus é masculina ou feminina? Agora, isso é um pouco de provocação, eu suponho.

Mas o fato é que essa voz interior, eu só faço o que as pequenas vozes me dizem para fazer, é um cenário que não está sendo executado com base no ensinamento de Deus, mas está sendo executado com base na sua imaginação. Então, o sistema deles é cativo dessas vozes internas. Isso não fornece uma razão para criticar.

De suas autoautenticações, elas são afirmações experienciais completamente autoautenticadas. Elas afirmam que quando Deus fala com as pessoas hoje, ele não está fornecendo novas revelações ou escrevendo um adendo às escrituras. Ele está aplicando sua palavra aos detalhes de nossas vidas.

Agora, há uma declaração mista. Como Deus fala sem fornecer algo se já não está no texto? Então, eles estão tentando manter um lado enquanto cedem e, na verdade, destroem esse lado, no que me diz respeito. Então, eles afirmam que ele está fornecendo novas revelações.

Dizem que ele não está fornecendo uma nova revelação. Bem, então, como no mundo você obtém uma resposta para uma pergunta que não está na Bíblia? Então, ela simplesmente não vai. Ela não flutua.

Mas a aplicação da palavra que eles ilustram é um texto de prova em vez de um contexto baseado. Apenas encontre palavras na Bíblia que se relacionem com o que você está procurando, mesmo que de forma acidental, e essa é sua orientação. Isso promove a Bíblia como o boneco nas mãos de ventríloquos, que é a pessoa que busca a vontade de Deus.

Lembre-se, a vontade de Deus não está perdida. Não precisa ser encontrada. Ela já nos foi dada.

À medida que buscamos as escrituras e fazemos a vontade de Deus, os outros aspectos da vida se alinharão por meio da orientação soberana de Deus e pelas circunstâncias da comunidade em que operamos. Número cinco, o ato de revelação, e eu colocaria a palavra pessoal ali. O ato de revelação pessoal é assumido.

Se você não tem revelação, você não está ouvindo Deus. E subjetivamente validado sem uma avaliação teológica adequada deste domínio. Eles insistem que o Espírito Santo está usando a palavra, mas suas ilustrações não demonstram nenhum processo responsável de saber o que essa palavra diz ou interpretar a escritura.

Mas, em vez disso, é uma associação de palavras. Aqui está uma palavra na Bíblia, aqui está sua vida; essa palavra se relaciona com sua vida, então, vá em frente. Uma associação de palavras do texto para nossa experiência com a suposição de que é uma palavra direta do Espírito.

Isso tudo é assumido. Mas isso não pode ser sustentado pela exegese e pelo que as escrituras têm a dizer sobre como seguimos a Deus. Há um velho ditado: uma pessoa com experiência nunca está à mercê de uma pessoa com argumento.

Conversei com muitas pessoas diferentes, e quando conversei com alguém que estava nisso, fiquei meio preso nessa maneira de pensar. Você não pode discutir com esse tipo de pessoa. Você pode tentar encontrar perguntas para fazer a elas e discutir com elas sobre como você sabe que essa é a voz de Deus. Como você sabe esse sentido interior? Deus está realmente falando com você e não alguma outra voz sua falando consigo mesmo? Mas isso não vai amassar a armadura delas porque elas se convenceram de que as vozes que ouvem são as vozes de Deus.

Eu dei um seminário há muito tempo na Virgínia, e havia uma jovem naquele seminário, era um grupo de estudantes universitários. Ela me disse que Deus a guia para o trabalho todos os dias. Agora, quando ela sai de casa, ela ouve a Deus quando chega a um sinal de pare.

Eu viro à esquerda? Eu viro à direita? Devo seguir em frente? E ela ouvia aquela voz, e ela ia, e ela dizia, eu tenho feito isso por anos, e eu nunca tive um acidente porque Deus me guiou para ir trabalhar todos os dias. Era sempre por uma rota diferente, mas essa é a orientação de Deus me protegendo. E não havia como eu convencê-la a pensar que talvez fosse ela mesma falando consigo mesma.

Ela tinha criado um conceito falso de como Deus se comunica, e isso estava guiando sua vida em todos os sentidos. Eu lhe digo, esse não é um lugar muito bom para se estar na vida, e o lema Blackabee, na minha opinião, é subjetivismo radical. E muitas pessoas vivem nesse domínio.

O movimento Keswick viveu nesse domínio. Muita experiência cristã primitiva na América infectou muitas igrejas com esse tipo de mentalidade, mas, felizmente, estamos finalmente saindo desse tipo de armadilha. A visão relacional, o existencialismo cristão, vem com Gordon Smith.

Smith, ler Smith depois de ler Blackabee é uma lufada de ar fresco porque você obtém um envolvimento autêntico com as Escrituras, com um reconhecimento de nossos eus pecadores, bem como um reconhecimento de que simplesmente não sabemos tudo. Então, eu recomendo fortemente que você dê uma olhada no trabalho de Smith. Como mencionei, ele está nos círculos da Wesleyan and Christian Missionary Alliance, e sua visão da vontade de Deus combinaria com a de Gordon Smith.

Há algumas afirmações centrais no modelo de Smith. Primeiro, ele diz que fomos criados à imagem de Deus. Sim.

Com a capacidade resultante de escolher cursos de ação. Sim. Deus permite que a natureza de sua criação opere sem microgerenciá-la por um processo direto imponente.

Veja, isso é uma contradição direta de Keswick e dos Blackaby. Nosso relacionamento com Deus e a comunidade cria uma matriz para a tomada de decisões. Então, a tomada de decisões aqui é que fomos criados à imagem de Deus, estamos pensando, sentindo, escolhendo seres, e vivemos nossas vidas não microgerenciadas por Deus, e ele dirá mais sobre, mas gerenciadas pelas Escrituras e por essa visão de mundo, e nossos relacionamentos na comunidade.

Da visão wesleyana, a comunidade é muito importante. É muito importante na Bíblia. Por exemplo, se uma pessoa diz, sou chamado para ser pastor, e vai a uma igreja e diz, gostaria que você me ordenasse.

Estou respondendo a 1 Timóteo 3. Eu desejo o ofício de pastor. Ele o chama de bispo ali. E o que a igreja deve fazer? Curvar-se à reivindicação dessa pessoa? Não.

Se você ler Timóteo, o chamado dessa pessoa é uma reivindicação. Mas a igreja avalia essa pessoa e, na verdade, é a voz de Deus. A igreja como uma comunidade quanto a eles estarem no pastorado ou não.

Talvez não agora, talvez depois de algum outro treinamento ou depois de alguma outra experiência, mas não agora. Mas na América, esses tipos de indivíduos vão à igreja. A igreja não faz o que quer fazer, o que diz que Deus quer que ela faça.

Eles simplesmente descem a rua até outra igreja até encontrarem uma que siga seu modo de pensar. Smith não faz isso. Black poderia ser uma, mas não Smith.

Smith vê a comunidade como importante para distinguir a vontade de Deus. Eu acho que é, também, porque a comunidade tem essa visão de mundo e processo de valores, que, do meu ponto de vista, ajudará a guiar as pessoas. Número dois, Smith rejeita uma visão de modelo de encontrar uma vontade específica para tomar uma decisão.

Nessa visão de blueprint, ele usa essa nomenclatura. O que isso significa é que nas abordagens subjetivas, eles dizem que você tem que encontrar o ponto. Isso significa que você tem que encontrar a vontade de Deus para que você possa fazê-la.

E nós passamos pela Bíblia. Não há lugar na Bíblia que diga isso. E o próprio Smith rejeita isso.

Ele tem uma boa noção de como a Escritura está operando aqui. Ele apenas traz mais do lado experiencial, mas, felizmente, é um lado experiencial muito mais guardado e um lado experiencial muito mais controlado do que no preto do domínio. Ele continua.

Como eu disse, minha resposta me incomodou. Smith reflete apropriadamente sobre a tensão de como o pecado afeta o processo humano. Nós discernimos assim como vivemos, e vivemos assim como discernimos.

Então, há esse processo constante de discernimento acontecendo. Ele o apresentaria como um processo de seu amadurecimento cristão, santificação e trabalho na comunidade. Há muita coisa boa aí.

Ao mesmo tempo, quero voltar e dizer que o verdadeiro controle é transformar a visão de mundo, a mentalidade e os valores que tomam decisões sobre as questões da vida.

Terceiro, a tomada de decisão é melhor percebida a partir do contexto de uma união com Cristo que é tão íntima a ponto de necessitar da participação divina em nossa tomada de decisão. Bem, eu acho que Deus está envolvido em nossa tomada de decisão.

Ele nos deu sua palavra. Ele exerce sua providência. Ele nos colocou em comunidades que ajudam a nos guiar.

E então, não há problema aqui. Smith acrescenta muito à tradição wesleyana do lado experiencial. Se você se lembra, quando falamos sobre a experiência quadrilateral, era a última parte disso.

E enquanto ouvimos Smith, estamos ouvindo essa parte, que é provavelmente a maneira como os wesleyanos gostariam de falar sobre isso. E eu acho que há algum valor nisso, mas no final do dia, não é o árbitro final. Então, a tomada de decisão é melhor percebida a partir do contexto de uma união com Cristo que é muito íntima.

As razões de Smith sobre como a intimidade com Deus é direcionada por entendimentos bíblicos auxiliam nossa tomada de decisão. Bem, eu não discordo disso porque acho importante que nossa vida cristã, nossa vida de oração, nossa vida com outros cristãos e fazer o trabalho do ministério como leigos ou como trabalhadores vocacionais, tudo isso entre na mistura de como nossas vidas estão sendo direcionadas por Deus por meio da comunidade e da Palavra. Sem problemas.

Smith escreve a partir de uma grade teológica articulada, enquanto Blackaby não tem a grade e escreve exclusivamente a partir de uma grade experiencial que distorce as Escrituras para servir aos seus propósitos. Consequentemente, mesmo que alguém não concorde com Smith, há razões para respeitar seu subjetivismo raciocinado, como eu o chamarei. No que diz respeito ao meu tamanho, usei uma terminologia um pouco diferente, mas o subjetivismo raciocinado é a maneira como falo sobre Smith.

O próprio Smith também é muito cauteloso em suas afirmações sobre percepções subjetivas. Ele freia bastante. Número quatro, fora do contexto acima, Smith afirma que Deus fala, mas essa fala é sutil e complexa.

Smith evita a afirmação sobre ouvir a fala de Deus. Ele afirma que o discernimento é uma reflexão crítica na fé e na humildade que nos permite ser mais plenamente seus discípulos. Discernir a voz de Deus requer pensamento crítico, e é preciso se proteger contra assumir que vozes são automaticamente autoritativas.

Então, ele está usando a voz de Deus basicamente como um sinônimo da voz da revelação de Deus, que está nas Escrituras e é estendida pelos wesleyanos fortemente para a comunidade. Eu acho que a comunidade é extremamente

importante. É apenas uma questão de autoridade, e ainda assim as Escrituras dão autoridade à comunidade de certas maneiras, como mencionamos em 1 Timóteo 3. Smith adverte contra o uso do texto da Bíblia, que seria texto de prova e histórias como clipes de orientação normativa.

Tais práticas podem abusar das Escrituras forçando-as em nossas próprias percepções. Então, aqui novamente, você ouve muitos ecos do que eu estava dizendo, menos dar autoridade ao reino subjetivo, e Smith é até cuidadoso aí. Então, vamos criticar isso.

Ler Smith imediatamente impressiona alguém que uma reflexão teológica cuidadosa estava acontecendo. O modelo de Smith é subjetivismo raciocinado, baseado em um modelo de crescimento relacional guiado por uma vida piedosa. Smith não insiste em alguma vontade específica, aquela vontade individual sobre a qual falamos, que tem que ser encontrada, e no modelo de Blackaby, essa vontade tem que ser encontrada com antecedência para fazer a coisa certa.

Ele, no entanto, afirma um processo de orientação interna. Não vou rejeitar um processo de orientação interna; vou apenas defini-lo eu mesmo na minha visão. Esse processo de orientação interna se relaciona com a consciência e o espírito, e com a compreensão de como isso opera dentro do nosso processo de pensamento, como já falamos sobre isso.

Então, temos muito mais em comum com Smith, embora ainda haja algumas diferenças. Crítica ao modelo de Smith. Ler Smith imediatamente nos impressiona que uma reflexão teológica cuidadosa ocorreu.

É subjetivismo racional, e ele afirma a orientação interna, como acabei de mencionar. É bom que Smith comece com a analogia de ser criado à imagem de Deus e o que isso significa para gerenciar o mundo. O subjetivismo de Smith é claro, mas cauteloso.

A visão de Smith sobre o testemunho e os impulsos do espírito, que fizemos na minha palestra sobre o espírito. Smith é muito mais criterioso do que Blackaby em relação a como o pecado afetou os processos humanos e qual o papel que a Bíblia desempenha na tomada de decisões. Então, leia o trabalho de Gordon Smith e leia-o em comparação com as coisas sobre as quais tenho falado com você, e você pode descobrir onde vê a Bíblia o levando ou onde vê a Bíblia não o levando.

Essa é a única coisa em que vou insistir. Se não está nas Escrituras como um ensinamento direto, então você está nas implicações. Implicações podem ser lidas de muitas maneiras diferentes, ou você está criando construções onde você está realmente dizendo à Bíblia o que pensar em vez da Bíblia lhe dizer.

Embora construções possam ser mais válidas em visões teológicas, temos apenas que ter cuidado com a forma como as colocamos juntas. Precisamos de uma grande prova narrativa. Então chegamos a Gary Friesen e ao que chamo de pragmatismo cristão.

O livro popular de Friesen, *Decision-Making in the Will of God, a Biblical Alternative to the Traditional View*. Foi escrito a partir de uma dissertação que ele escreveu no Dowell Seminary, que era uma crítica ao movimento católico na América. Veio da Inglaterra.

Era um movimento devocional extremamente subjetivo. Lembro que vivi durante essa época, e as pessoas que seguiam esses ensinamentos iam aos cemitérios em Norfolk, Virgínia, que tinham muitas cruzes e muitas coisas, e sentavam-se lá e observavam o sol nascer. Quando o sol nascia, a maneira como as sombras caíam dava a eles grandes sentimentos devocionais e os preparava para o dia.

Às vezes, a sombra de uma cruz os seguia onde estavam sentados, e isso era apenas um ato divino, por assim dizer. Extremamente, extremamente subjetivo. Então Friesen foi atrás disso, e eu acho que salientou com firmeza que essa visão, que seria representada pelas crenças negras, simplesmente não é aceitável e que é uma violação do que as próprias Escrituras ensinam.

O foco de Friesen, a quarta linha do lado direito, portanto, era muito estreito em um sentido para representar as tradições teológicas mais amplas. Veja, Friesen estava atrás do movimento Keswick, que teria sido o proto- Blackaby. Blackaby ainda não estava em cena.

Teria sido muitas das denominações subjetivas da igreja bíblica, até certo ponto, onde o movimento Keswick teve influência, uma grande influência nessas igrejas, mas em muitos cenários independentes. J. Oswald Songbirds e alguns outros eram grandes no movimento Keswick e muito, muito subjetivos na maneira como apresentavam a Palavra. E todos nós lemos esses livros, e no início da minha vida cristã, fui abençoado por eles.

Mas, como eu vim a entender, eu não conduzo minha vida pelo modelo deles porque o modelo deles é um modelo de autodireção, não de direção divina. Muitos batistas, tradições de igrejas bíblicas independentes nos EUA, adotaram ingenuamente as suposições que eram prevalentes naquele movimento subjetivo. Quando Friesen veio e apontou que não há vontade individual, há uma vontade soberana e moral, e então há o modelo que ele deu para tomar decisões.

Estou lhe dizendo, foi uma bomba. Eu estava ensinando em uma escola batista independente no Sul naquela época e quase fui demitido porque os ex-alunos

estavam reclamando muito alto que eu estava usando o livro de Friesen como um módulo dentro da minha aula de ética. Uau.

Quero dizer, eles eram inflexíveis porque estavam alegando que Friesen tira o Espírito Santo da Bíblia, o que é absurdo. E porque ele estava chutando contra coisas que eles tinham adotado, às vezes até mesmo sem saber, do subjetivismo que tinha se infiltrado no movimento da igreja independente americana. Acho que fomos além disso em qualquer um desses cenários, mas não completamente, em nenhum momento.

De 79 a 83, usei o livro de Friesen e o apreciei. Mas, à medida que continuei por décadas, pensando sobre essa questão da vontade de Deus, vim a ver que as coisas que estavam faltando em Friesen são, para mim, as coisas que a Bíblia enfatiza. Falamos sobre isso em nosso módulo do Antigo Testamento e do Novo Testamento, bem como sobre o fato da mente transformada.

Ele estava tão envolvido em responder a um pequeno segmento do cristianismo que temo que ele deu muito crédito a isso porque ele nunca tratou das visões calvinistas disso. Ele nunca tratou dos protestantes tradicionais. Ele não tratou nem mesmo dos grupos carismáticos, embora o subjetivismo pudesse passar por lá.

Ele estava focado em uma questão muito estreita que precisava de foco, mas então se ampliou conforme o livro foi publicado de maneiras que eu acho que podem não ter sido uma boa ideia. Tudo bem, então quais são as suposições centrais de Friesen? Ok, número um, ele diz que não há uma vontade específica. Esse é um ponto importante no contexto em que ele estava falando, e foi como uma bomba porque todos estavam tentando encontrar a vontade de Deus para suas vidas, e isso significava encontrar essa informação com antecedência para tomar a decisão certa.

E muito tempo é gasto em oração, fazendo perguntas, mas não estudando as Escrituras. As Escrituras nunca dizem para encontrar a vontade de Deus. As Escrituras dizem para fazer a vontade de Deus, e no processo de fazer com uma série de outras questões, sua vida será administrada em caminhos que são apropriados e funcionam para você sob a tutela de Deus.

Tudo bem, o que ele disse? Bem, ele disse várias coisas. Aqui estão quatro delas, e estou tirando quase todas as minhas coisas do livro original dele, que eu acho que foi o melhor dele. Onde Deus ordena, nós devemos obedecer.

Sem dúvida. Os imperativos têm que ser obedecidos. Não me lembro dele falando o suficiente sobre o progresso do Apocalipse e a questão da descrição e prescrição que notamos em termos desses comandos.

Então, temos que ter cuidado com os imperativos porque nem todo imperativo na Bíblia é para mim. Pode ter sido para outro público no tempo. Lembre-se, a Bíblia não foi escrita para nós.

A Bíblia foi escrita para nós. Aprendemos com ela, mas você tem que ter cuidado para não torná-la direta a você. Mas, ainda assim, concordamos.

Se for um imperativo, é melhor descobrirmos se é um imperativo que se aplica a nós, e se for, obedecemos. Sem dúvida. Meu gráfico faz esse ponto.

Onde não há comando, Deus nos dá liberdade e responsabilidade para escolher. Bem, eu concordo com isso também. E ainda assim, não encontro um modelo adequado na escrita de Friesen para falar sobre o que liberdade significa.

Não somos livres. Estamos presos à nossa natureza. Estamos presos à nossa visão de mundo e sistema de valores.

E se estiver errado, então estamos errados. Temos que trabalhar nessa área específica para sermos capazes de tomar boas decisões de acordo com os ensinamentos das Escrituras. E sim, estamos na sabedoria.

Ele diz que Deus nos dá sabedoria. Bem, como ele nos dá? Quando ele chega a essa coisa sobre Deus dar sabedoria, ele se torna subjetivo. Porque eu acho que a sabedoria é derivada de julgar textos bíblicos.

Foi isso que os Provérbios fizeram. Foi isso que a literatura de sabedoria da Bíblia faz. Ela não cita a lei, mas pega os princípios da lei e os transfere para a vida.

E é assim que a sabedoria é derivada. A sabedoria se torna conhecimento próprio. Não é apenas conveniência espiritual.

Quando escolhemos o que é moral e sábio, devemos confiar no Deus soberano para resolver todos os detalhes. Bem, temos que confiar muito. E temos que obedecer à moral.

Mas essa coisa sobre sabedoria precisa de alguma crítica, particularmente. As coisas que eu falei com você sobre em termos de sabedoria, como ela se desenvolve e o que ela realmente significa são a ponta do iceberg do estudo da literatura de sabedoria, que é uma peça muito importante em relação à tomada de decisão. Acabei de pegar um livro.

Está na minha mesa — a Hermenêutica da Sabedoria. Pronto, acabei de pegar.

Eu consegui ler. E eu gosto dessa declaração — a Hermenêutica da Sabedoria.

Você tem que estudar a sabedoria, e tem que estudar o que você afirma ser sabedoria tanto quanto. Ou você não está fazendo nada além de uma afirmação subjetiva. E eu acho que é uma coisa sábia aí por um momento.

Eu acho que é mais complicado. Agora, sou acusado de ser muito complicado. Mas me desculpe.

Se você vai seguir uma cosmovisão bíblica e um sistema de valores, você tem que fazer algo para gerar isso e para sintonizar sua mente com a maneira como a Bíblia nos instrui. Notas. Como nós decretamos responsabilidade? Bem, nós a decretamos, e somos livres para fazê-lo.

Mas somos livres em limites. Você tem que entender esses limites. O que significa dar? Ele fala sobre Deus dando sabedoria.

Bem, ele não quer dizer revelação direta. E ainda assim, ao mesmo tempo, não vejo uma explicação adequada dada. Acho que é assumido.

Wise não é biblicamente nem filosoficamente definido. Não há nenhuma peça filosófica na apresentação de Friesen. Não há nenhuma peça de teoria ética.

Filosofia e ética são uma parte muito importante do sistema de orientação para cristãos quando a Bíblia não fala diretamente porque temos que lidar com as implicações do raciocínio pré-construído para sermos capazes de fazer um julgamento. E falamos muito sobre isso de tantas maneiras diferentes.

A crítica do modelo Friesen.

Há alguns pontos de concordância entre Friesen e eu. Como eu disse, promovi seu livro e quase fui demitido de um emprego porque acreditei que ele tinha algo de bom a dizer. Mas Friesen e eu estamos em páginas diferentes.

Estamos em partes diferentes do planeta quando se trata de como raciocinamos sobre as questões da vida e da sabedoria nessas coisas. Número dois, Friesen frequentemente vive em um mundo pequeno, uma visão um tanto truncada do assunto da vontade de Deus. Por exemplo, o movimento Keswick e até mesmo o movimento Black Label, você não pode chamar isso de visão tradicional.

Você pode chamar isso de uma visão aberrante interna à cultura cristã americana. Enquanto infectou parte da Inglaterra, eles quase a expulsaram porque os estudiosos bíblicos ingleses não queriam ter nada a ver com isso. Número três, uma crítica a Friesen pode ser mais sobre o que ele não diz do que sobre o que ele diz.

Por exemplo, ele não atribui ou aborda adequadamente uma série de questões cruciais que eu acho importantes para aconselhar um conceito de vontade de Deus. Por exemplo, Friesen se esforçou para registrar o termo sabedoria. Eu uso o termo sabedoria, então, portanto, devo estar no campo dele.

Bem, concordo com ele em muitas coisas, mas não estou no campo dele. Somos mundos separados. Ele nunca realmente desempacota a sabedoria como uma construção bíblica ou filosófica.

Ele nunca afirma isso. Ele apenas afirma, faça a coisa sábia. Bem, saber qual é a coisa sábia a fazer, não é pouca coisa.

Ele dá uma lista dos caminhos da sabedoria na página 266, mas ela só produz o que eu chamo de pragmatismo. Ela não produz linhas de razão das escrituras para a decisão. Friesen diz, faça a coisa sábia.

Mas como isso acontece? O que é a coisa sábia? Bem, acaba sendo muito o que eu acho que é a coisa sábia. Um olhar mais atento a Friesen revela que um novo subjetivismo nasce nessa coisa da sabedoria. Terceiro, enquanto Friesen observa a vontade soberana de Deus, ele não conecta isso adequadamente com o conceito da providência de Deus.

Providence, para mim, ele não. Abertura bem importante. Quando olho para minha página, desculpe, estou com penugem porque estou lidando com problemas de visão e retina.

Então, peço seu perdão e tolerância aqui. Ele não aborda como a natureza humana pode funcionar quando contaminada pelo pecado. Acho que abordar essa questão da queda é absolutamente crucial.

Tenho certeza de que é mencionado. Faz um tempo que não arado. Eu arado através daquele livro várias vezes e falado sobre aquele livro.

Então, estou bem familiarizado com isso. Sempre preciso pegá-lo. Mas o fato é que ele não está lidando com sabedoria como a Bíblia lida com ela.

E como colocaríamos isso em um modelo de ética. Mas, em vez disso, torna-se muito pragmático; é esse novo tipo de ideia de conveniência espiritual que ele promove. Então, ele está se sujeitando.

Francamente, acho que seu segundo volume, que saiu 25 anos depois do primeiro, é ainda mais subjetivo. Não critiquei esse livro completamente. Mas quando o li, disse a mim mesmo, nossa, ele se moveu mais para dentro do subjetivismo do que para longe dele.

Número três, enquanto Friesen observa a vontade soberana de Deus, ele não conecta isso com o conceito da providência de Deus e como isso interage com a ideia de liberdade. Somos livres. Eu disse que não somos livres.

Estamos presos à nossa natureza. Somos livres dentro dos limites da nossa natureza. E há também uma questão de liberdade dentro da providência de Deus.

Não podemos ir contra isso. Embora a insistência de Friesen na liberdade tenha mérito, sua ideia de liberdade em termos de sua natureza e extensão precisa de muito mais pensamento crítico. Ele não aborda como a natureza humana pode funcionar quando contaminada pelo pecado.

Friesen não usa o último marcador e não fornece um modelo racional para ir além da Bíblia para decisões. Ele também lida basicamente com muitas decisões que eu acho que são bem claramente definidas dentro das Escrituras. Ele não entra em alguns desses desafios culturais atuais que temos.

Alguns desses desafios nem sequer existiam quando ele escreveu com Rick Roth. Friesen não fornece um modelo racional para ir além da Bíblia para decisões. Se ou quando a Bíblia for sólida, o tomador de decisão deve escolher colateralmente? Eu gostaria de dizer que sim é ingênuo.

A questão de como um modelo de visão de mundo e valores funciona está ausente. Ele não reflete essa consciência de filosofia e ética e como ela informa o processo do pensamento cristão. Tenho várias prateleiras atrás de mim de livros de ética no movimento cristão, e nem sequer mergulhei nas profundezas dessas coisas, e não acho que ele tenha começado ou incluído isso adequadamente em seu pensamento.

Número quatro. Ironicamente, quando Friesen chega ao cerne de sua teoria, a sabedoria como *modus operandi* da tomada de decisão, ele reverte a essa forma de subjetividade. Faça a coisa sábia.

Faça a coisa espiritualmente conveniente. Seu terceiro princípio é que não há comando de Deus; Deus nos dá a liberdade de escolher. E como isso acontece? Como Deus nos dá a liberdade de escolher? Bem, ele nos dá a liberdade de escolher dentro de nossos próprios limites, os limites do que sabemos, os limites de nossa natureza caída, os limites de ter certeza de que não seremos pegos pela providência.

Há muitos limites. A liberdade não é absolutamente livre. E precisamos ter muito cuidado aí, para não violarmos uma construção implícita ou mesmo criativa, uma visão de Deus a partir de sua palavra totalmente, que pode nos levar a uma direção diferente daquela que achamos que é livre.

E como isso acontece? Em sua segunda edição, ele é muito mais subjetivo sobre isso do que na edição original. Então, você pode ver, falta de base, eu vou simplesmente descartá-los. Eu acho que eles são apenas uma reafirmação do movimento Keswick, de subjetivismo desenfreado absoluto.

Smith, eu respeito. Gosto de ler o material dele. Aprendo coisas com ele, mas não consigo ir tão longe quanto ele.

Mas até ele mesmo é cauteloso sobre o quão longe ele vai no domínio subjetivo. E com Fraser, eu ganhei muito. Eu ganhei muito.

Fui estimulado a começar décadas atrás, antes mesmo de escrever um livro sobre a vontade de Deus, e fiz essas palestras há muitos, muitos, muitos anos. Acho que 30 ou 40 anos atrás, algo em torno disso, mas não é mais. Este livro saiu nos anos 70.

Eu ensinei de 73 a, desculpe-me, 61. Nem me lembro mais do que eu aprendi sozinho. Foi cedo, bem, foi de 79 a 83, na verdade, porque eu estava escrevendo minha dissertação durante esse período.

E foi então que eu estava lá. O livro dele saiu em 78. Então, nós dois somos da mesma época.

E eu usei muito naquela época. Com o passar do tempo, comecei a desenvolver minha visão de mundo e construção de valores, que eu acho que nos leva a uma direção melhor, uma direção mais definida, uma direção mais objetiva, e ainda uma direção que requer mais de nós em termos da Palavra de Deus, à qual alguns se opõem. Não sei como você pode se opor a isso.

Eu posso entender isso. Você pode ser honesto. Muitas pessoas não conseguem estudar como um pastor está estudando se o pastor o faz.

Muitos não conseguem obter a educação necessária para se aprofundar nas escrituras. Mas todos podem aprender. Se você não é um aprendiz, não está avançando.

E todos podem ir de A a Z em sua própria vida, em suas próprias circunstâncias, se você estiver disposto a fazer isso. E você também deve ser ajudado. É aí que entram os ministros vocacionais, e, esperançosamente, eles podem fornecer essa ajuda.

Então o modelo Black Label, como seus predecessores pietistas, é bem-intencionado, mas inadequado, até mesmo falho. Este modelo salta de um conjunto de suposições para um modelo teológico menos que profissional de como Deus opera. A Bíblia foi abusada em quase todos os níveis.

O modelo Black Label pensa que está honrando a Deus quando, na verdade, está minando a sólida teologia bíblica. Smith diminui imensamente o impacto do subjetivismo. Seus escritos também expõem honestamente a luta do subjetivismo.

Como alguém opera autoritariamente sem certeza absoluta no nível humano? A razão move a discussão em boas direções, mas falha em realmente fornecer um modelo que possa demonstrar linhas de razão da questão para as soluções que são linhas de razão válidas. Eles estudaram criticamente linhas de razão, não apenas uma leitura superficial do texto. Isso precisa de mais.

Agora, número um, o que eu penso sobre certas coisas? Os efeitos da queda e o resultante escurecimento da mente não são adequadamente fatorados em nenhuma dessas visões, exceto pelo que Smith menciona. Como o efeito noético da queda é abordado? Somos pessoas caídas. Somos pessoas caídas.

E temos que abordar isso. E a única maneira de abordar isso é por meio de uma análise muito cuidadosa das Escrituras em relação às nossas perguntas. As Escrituras são utilizadas, particularmente no modelo Blackaby Label, como um conceito de doutrina.

Esse é um termo que foi colocado em prática na teologia bíblica. Significa que você pega seus conceitos e os transforma em doutrina. Você informa a Bíblia sobre o que ela está dizendo, em vez de a Bíblia informar você.

Essa é uma diferença enorme. Prova, texto, maneira, em vez de pensamento crítico. Isso exige trabalho.

Ela exige liderança para fazer esse tipo de trabalho e ajudar suas convocações ao longo do processo. Nós falhamos, eu acho, muito. Nas tradições subjetivas, a Escritura é muito pequena.

É muito pequeno. A Bíblia é um livro enorme e capaz de responder às nossas perguntas se apenas dedicarmos tempo e esforço para persegui-la. Número quatro, as críticas de Friesen às tradições subjetivas são bem fundamentadas, mas seus próprios insights sobre como os guias das Escrituras são míopes.

Ele certamente menciona isso. Ele até dá algumas ilustrações, mas essas ilustrações carecem de conexões adequadas com linhas de razão. Na verdade, alguns dos textos nem são exegéticos além da superfície, e isso se torna uma ilustração ruim.

Filosoficamente, teologicamente e exegeticamente, muito trabalho precisa ser feito. Em algum momento, o próprio Friesen reverte ao subjetivismo, particularmente com a sabedoria, porque seu modelo não fornece um paradigma para lidar com o que é

sabedoria. Como posso argumentar sobre sabedoria a partir do texto da Bíblia? Também falamos sobre as construções diretas e implícitas que podem abordar isso.

Isso ajuda nossa visão crítica de mundo a se expandir. O volume *Three Views* na verdade representa apenas uma pequena parte das tradições religiosas, mesmo na América. Eles envolvem o movimento Blackaby-Keswick, eles envolvem o grupo Wesleyan and Christian Missionary Alliance, e eles envolvem Friesen.

Bem, os presbiterianos não estão lá, os reformados não estão lá, os anglicanos não estão lá. Quantos não estão lá? E, no entanto, isso é apresentado como a soma total de como pensar sobre a vontade de Deus em nossa cultura cristã americana. Não é bem assim.

Não há representante dessas tradições, então esse livro é pesado em nossos desejos. E eu não acho que Romanos 12, 1 e 2 sejam muito proeminentes, francamente, em nenhuma dessas coisas. Romanos 12, 1 e 2, o desenvolvimento da mente transformada e do sistema de valores, e julgar isso por meio do estudo cuidadoso das Escrituras, é, na minha opinião, a maneira como a Bíblia modela essas coisas.

Ela modela principalmente para os líderes. Assim como no antigo Israel, os israelitas não iam diretamente a Deus. Eles podiam orar a Deus, tipo, você sabe, não era como uma coisa católica romana onde os padres e profetas eram assim.

Mas o fato é que eles foram ao porta-voz de Deus dentro da nação para obter sabedoria. Mas eles não foram e disseram, que tipo de carroça eu deveria comprar? Uma carroça Chevy, ou uma carroça Ford, ou uma carroça Dodge. Apenas use um pouco de bom senso, ou você é livre para escolher.

Mas você ainda tem valor dessa forma porque eu compro Chevys porque não quero tomar empréstimos pesados e ficar com dívidas altas para comprar um Ford. E então, você sempre tem valores que entram na mistura de como você toma suas decisões. Tudo bem, visão de mundo e modelo de valores dos líderes.

Líderes têm se esforçado para expor um modelo bíblico, filosófico e ético pelo qual a igreja tem processado decisões, especialmente quando não há ensino direto da Bíblia. Eu inseri essa seção sobre a igreja em geral. O quadrilátero wesleyano é usado por muitas denominações.

É reconhecido que o único que é estridente nessa visão é o item de fonte experiencial. O modelo do líder estabelece paradigmas para ler traduções da Bíblia e ordenar questões em relação a como a Bíblia ensina — esses dois modelos.

Esses paradigmas nos levam por uma análise bíblica dos problemas que encontramos. Você sabe, muitas vezes reclamamos de todas as traduções da Bíblia,

mas se você aprender a usá-las, elas podem ser uma bênção porque mostram onde você precisa pensar, porque você vê as diferenças entre as versões, às vezes diferenças importantes.

Terceiro, os crentes bíblicos geralmente precisam tomar decisões além da descrição direta do ensino.

A maioria das decisões que tomamos são abordadas por um texto de prova. Agora, comandos morais claros, os imperativos da Bíblia, como os compartilhamos, são bem fáceis, mas as coisas que são difíceis são as coisas que exigem um paradigma mais completo para lidar. Liberdade não é fazer o que você acha que é apropriado.

Em vez disso, é perseguido e limitado pela contabilização da alma. Nosso pensamento é afetado por muitos fatores. Nossa liberdade está relacionada à nossa natureza.

Precisamos ter linhas de razão que expliquem por que estamos tomando uma decisão. E essas devem ser coisas que temos confiança em explicar. E isso é um produto do tipo de estudo bíblico que temos que fazer.

Temos que estar cientes de nossas lentes. Todos nós temos suposições teológicas. Eu expliquei isso a você um pouco na minha abertura.

Eu os tenho. Tento estar aberto a outras coisas. Aprecio muito o que está na escrita de Gordon Smith, que não é exatamente igual à minha, mas me empurra a ser mais aberto e a ouvir até a mim mesmo em termos do lado experiencial da vida.

Mas no final do dia, como Isaías disse, para a lei e para o testemunho. Se isso não estiver na mistura, então não temos para onde ir. Essa última parte foi minha paráfrase.

Sabedoria na Bíblia, número quatro, é um gênero literário único. Muito dele é produto de uma mentalidade bíblica. Embora não citemos as Escrituras, os Provérbios e outros gêneros de sabedoria, não citamos a Torá.

Nós refletimos sobre seu ensino em seu desenvolvimento. E essa é uma área na qual eu quero trabalhar muito mais. Eu quero ler essa literatura.

Quero dizer o que estava em suas mentes em termos da Torá que eles estavam desempacotando. Às vezes, essas conexões podem ser relativamente claras, mas elas não dizem a você quais são as conexões. E para nós, estamos fazendo a mesma coisa.

Estamos pegando as Escrituras e sua cosmovisão e valores, e estamos aplicando-os a algo que a Bíblia não necessariamente aborda diretamente. E estamos tentando trazer essa cosmovisão e aplicá-la nesse cenário. Isso requer alguma reflexão.

A sabedoria é um gênero literário único. É um produto de uma mentalidade bíblica. A sabedoria bíblica é um produto de estar saturado com uma cosmovisão bíblica e mentalidade de valores.

Sua saturação não é sua experiência. Sua saturação é o produto do seu estudo. Sabedoria é, na verdade, uma forma de conhecimento nas Escrituras.

Para fazer a coisa sábia é preciso uma explicação do porquê, porquê, porquê. É sensato não fazer apenas o que você acha que é melhor sem uma razão definida. Então por que é sensato? Você não é sábio se não consegue explicar se não consegue mostrar linhas de entendimento das Escrituras para sua decisão e saber se é direta, implícita ou criativa.

Agora eu sei, e estou dolorosamente ciente de algumas maneiras, que estabeleci um padrão muito alto para isso. Mas os padrões de Deus são sempre muito altos, não são? Então, o quarto elemento, que é meu, eu acho que de uma forma mais excelente. Conhecer a vontade de Deus é um processo de aplicar sua visão de mundo e valores às decisões na vida que você pode tirar.

O que me dói na cultura americana hoje, e outras culturas provavelmente têm o mesmo problema, é que temos uma igreja analfabeta quando se trata da Bíblia. Por que temos uma igreja analfabeta? Claro, todo mundo conhece os principais itens morais. Isso é óbvio.

Você pega essas sem nem pensar. Mas temos uma igreja analfabeta, e eu vou ser crítico aqui porque temos um clero analfabeto. Os indivíduos responsáveis por orientar a igreja nas decisões da vida repousam sobre aqueles que são chamados para pregar, ensinar e ser líderes na congregação.

Não apenas líderes experientes, e não apenas líderes de salmos e coros sem fim, e não têm conteúdo teológico além de me fazer sentir bem. Precisamos de líderes que se aprofundem e sejam treinados adequada e completamente em tudo o que se relaciona com escrituras, línguas, teologia e história para que possam trazer essa sabedoria para a congregação e ajudar as pessoas a lidar com os desafios da vida. No entanto, imortalizamos a Bíblia.

Dizemos a mesma coisa de cada passagem quando perdemos o significado dessas passagens individuais. Algumas pessoas levam meses para ler um livro, não porque estamos aprendendo algo sobre um livro, mas porque estamos pegando a Bíblia inteira pela associação de palavras e sugestão nas palavras que lemos no texto. E

você volta direto para o mesmo assunto sem perguntar, o que aquele escritor fez e o que aquele escritor estava tentando nos transmitir? Então, deixamos o subjetivismo destruir o tipo de cristianismo que foi testemunhado na América primitiva e tem uma natureza residual um pouco melhor na Inglaterra.

Mas o individualismo americano rude e nosso conceito de liberdade e nosso conceito de que é ok ir à igreja, e o resto vai se cuidar. Não, não vai. Então, por favor, leve a sério a mente transformada e pense sobre como você está se transformando e como isso muda sua visão de mundo e valores, guiando-os para canais apropriados, que você pode chamar para lidar com as decisões que você enfrenta.

Essas palestras são internacionais. Eu nem sei em que idioma a IA colocou isso e que você está ouvindo. Faça tudo o que puder.

E Deus conhece nossas limitações. Todos nós vivemos com limitações de um tipo ou de outro, algumas mais limitações do que outras, seja em nossa cultura ou em nós mesmos. Tenho amigos que escrevem mais livros do que eu consigo ler, e tenho um pouco de inveja disso porque esse não tem sido meu forte. Eu queria que fosse, mas não consigo ser diferente de quem eu sou.

E eu trabalhei duro nisso. Fiz algumas coisas, muitas delas, mas nem de longe o que eu gostaria de ser capaz de fazer. Todos nós desejamos entender isso.

Mas esses anseios são apenas abordados estudando para mostrar a si mesmo uma equipe, um trabalhador, que não precisa se envergonhar. Paulo dirigiu isso a Timóteo. Agora, Timóteo era um trabalhador cristão vocacional, assim como Paulo era.

Nem todo mundo é, mas você ainda deve pegar o sentimento desse texto e estudar para se mostrar aprovado a Deus, tomar melhores decisões e ser um líder melhor do que seu antigo cristão. Que Deus nos ajude a todos dessa forma e nos dê não apenas a força para fazer isso, mas certamente a palavra de Deus nos dê para que possamos ter sucesso em seguir em frente em nossa missão cristã no mundo.

Deus te abençoe.